

José Eduardo Moniz

O general no seu labirinto

Há dez anos, foi contratado para salvar um canal de televisão moribundo. Muito se passou entretanto. Teve vontade de desistir. Imprimiu mudança. Ditou o crescimento. Como fez? E quem é ele? Nas páginas seguintes, hesita entre o fato e gravata e os jeans e a camisa desapertada. Parece confortável em ambos os registros.

Entrevista **Anabela Mota Ribeiro** Fotografia **Pedro Cunha**



A biografia pode resumir-se a isto: açoriano, casado com Manuela Moura Guedes, três filhos. Outra nota biográfica: o rapaz reservado que queria escrever sobre o amor e a perda, a solidão e o medo. O jovem que abandonou uma terra onde não havia muito para fazer. Que sonhou com o outro lado. Aquele que teve filhos e que quer que eles digam: “O meu pai é um homem que faz coisas”; ou: “O meu pai era um companheiro que estava sempre à mão.”

Outra biografia ainda: patrão da TVI desde há dez anos, antigo director-geral da RTP, produtor de televisão, jornalista. Um homem de poder. Um general que decide sozinho e que não se permite desestabilizar as suas tropas. Insegurizá-las. Mesmo que as tropas achem que ele tem um cancro e que pode ir desta para melhor. Não chegam a verbalizá-lo – o que é sintomático desta distância, deste pânico. E ele a topar a cena e a agarrar-se à ideia de que eles precisam dele para se sentirem confiantes. Com tanta decisão quotidiana para tomar, Moniz, o general, ia deixar-se apanhar pela doença? Pela morte? Ora vamos lá fintá-la com a vida de todos dias. Com aquilo que mais importa. A TVI, a família. Xequemate.

José Eduardo Moniz tem 56 anos. Comeu peixe, perguntou que legumes acompanhavam. Falámos do quinto canal, dos *Morangos com Açúcar*, do dossier Casa Pia. Mais que tudo falámos de quem ele é e do que o fez ser como é. Esteve com gravata e sem ela. Institucional, confessional.

Tinha a intenção de começar pelos seus dez anos à frente da TVI, mas depois de o ver impressiona-me a sua magreza.

Há quatro anos, por força de um comprimido que tomei para umas arritmias que tenho, arranjei uma situação aborrecida – um hipertirodismo e uma hepatite tóxica. É um comprimido muito bom, mas dez a 15 por cento das pessoas fazem uma rejeição. Eu tive duas, em simultâneo, e perdi muito peso.

Quantos quilos perdeu?

Quinze, num mês e meio. Entretanto recuperei três. Tive pessoas fantásticas que me ajudaram no dia-a-dia, nomeadamente dois médicos iam para fora e telefonavam-me a saber como é que eu estava. Mais tarde contaram-me que chegaram a considerar a hipótese de fazer um transplante de fígado.

Normalmente os médicos são mais transparentes na relação com o paciente...

Achei graça quando um deles disse: “O seu caso está a ser discutido na Áustria, nunca houve uma situação como a sua.” Não me podia deixar vencer por uma coisa destas. São experiências que nos dão uma grande *endurance*. Humanizam-

nos muito. Sempre andei a 200 à hora e senti necessidade de me aproximar dos miúdos, de me aproximar da Manuela, de estar mais com os amigos. Ficamos com a noção de que a vida é, de facto, precária.

Teve medo de morrer?

Não é o medo de morrer. É a preocupação por quem fica. Sou muito protector em relação às pessoas de quem gosto e fiquei um pouco aflito. Logo a seguir caí do cavalo, parti a perna, a vértebra, tudo num período de tempo muito curto. Parecia que um conjunto de azares estava a acontecer.

É comum fazer-se uma reavaliação de tudo quando se vivem grandes provações.

Há a tentação de se passar em revista o que se fez e o que ficou por fazer. Chega-se à conclusão de que há muita coisa que falta fazer. Mas, como os médicos não me transmitiram essa noção de gravidade, eu só aflorava o assunto... Nunca deixei de trabalhar.

Isso, sim, seria catastrófico? Seria uma confirmação da debilidade?

Talvez. Não é tanto deixar de trabalhar, é deixar de fazer coisas.

Qual é a diferença?

A gente tem de passar pela vida deixando qualquer coisa, fazendo coisas. Escrevendo, ou construindo, não sei. Só ao fim da segunda semana é que tive a noção de que qualquer coisa se passava. As pessoas olhavam para mim e eu estava mais magro e branco; tentava manter o entusiasmo e entrar nas reuniões e intervir do mesmo modo. Embora fosse notando progressivamente uma fraqueza maior, um cansaço acentuado.

Como é que olhavam para si?

Nunca ninguém me disse isso, mas acho que eles achavam que eu tinha um cancro.

Um líder não pode ter um cancro...

Não pode. A minha preocupação era transmitir às pessoas em casa e àqueles que trabalhavam comigo que isto era uma coisa passageira. Não me pergunte se fiz isso de forma premeditada. Foi automático.

Quando é que aceitou que qualquer coisa se passava?

Quando fui provar um *smoking* para uma gala da TVI, numa sexta-feira, e na quinta-feira seguinte sentir que o casaco estava gingão, que as calças estavam largas...

Com quem é que teria intimidade para confessar a sua aflição? Pergunto de outro modo: a quem é que é capaz de revelar a sua vulnerabilidade?

A pessoa a quem melhor posso dizer isso é a “Manela”. Embora não tenha dito. Procurei que nem o meu irmão, nem a minha mãe nos Estados Unidos, nem as minhas irmãs soubessem.

Eles vieram a aperceber-se de que tinha caído do cavalo por uma revista que chegou aos Estados Unidos. Não vale a pena. A gente ultrapassa estes problemas.

É o general sozinho no seu labirinto.

Há coisas que temos de enfrentar sozinhos. E se agimos de forma diferente, vamos transmitir a terceiros uma noção de fragilidade. Pior do que isso, podemos introduzir situações de insegurança. E elas, para estarem bem com a vida, precisam de se sentir seguras. Se nós lhes transmitirmos essa segurança, para quê perturbar essa lógica?

Na sua história de vida, quando é que percebeu que estava por sua conta, que eram os outros que dependiam emocionalmente ou materialmente de si?

Eu sou muito dependente emocionalmente.

Ah sim? É até comovente assistir à paixão que tem pela sua mulher, mas parece sempre de uma enorme auto-suficiência.

Ninguém admitiria que eu tivesse outra imagem.

Avancemos, então, para aquele que eu pensava ser o ponto de partida: os dez anos à frente da TVI. Usando uma das suas armas, que é a provocação, pergunto-lhe se está entediado com o sucesso?

Não. É muito confortável ter sucesso. Mas o sucesso pode ser uma armadilha. As pessoas correm o risco de se deslumbrarem com elas próprias e entram num círculo vicioso, não sendo capazes de perceber que as circunstâncias que as conduziram a determinada situação não são eternas. (Hesitei entre vir com gravata ou vir sem gravata, não sabia que tipo de coisa é que íamos fazer. Ia sair sem gravata, depois voltei atrás.)

Esclareço: estou a entrevistar o patrão da TVI, mas também o José Eduardo, e nesse sentido pode tirar a gravata se se sentir mais confortável.

Agora já cá está. Desde que vim de férias, é a terceira vez que ponho a gravata. Falando de monotonia, não se pode estar eternamente a fazer a mesma coisa. A gente precisa de se provocar a si próprio, precisa de se incentivar a si próprio. No dia em que entrei na TVI tive vontade de desistir. As caras das pessoas não emitiam sinais de credibilidade, confiança, esperança. Você hoje entra na TVI e não é nada do que era. Sem querer fugir à pergunta: não sofro propriamente de tédio, confesso que às vezes me apetece fazer outras coisas.

É uma forma eufemística de dizer que está entediado?

Não diria isso. O nível de responsabilidade que tenho hoje aumentou muito relativamente àquele que tinha na altura. Eu divirto-me a entrar na sala da redacção para discutir os alinhamentos dos jornais, e fico chateado porque não tenho

tempo para lá estar. Gosto de participar na criação das várias histórias que vão servir de base às novelas e às séries.

Gosta de participar? Tanto quanto sei decidir as intrigas, os títulos, os actores...

Eu não decido tudo, participo.

Está a ser delicado para com aqueles que assumem a coordenação dos projectos.

Eu participo nas coisas. Se há coisa que posso ter feito bem na TVI, foi a criação desse espírito de corpo e de partilha. Mas para voltar atrás: dá-me gozo entrar nesses processos criativos, mais do que acompanhar a execução dos projectos. Por exemplo, no caso de *Ninguém como tu*, que foi a novela que coincidiu com a fase dos azares...

Curioso chamar-lhe a fase dos azares e não a doença...

Recordo-me de me terem mostrado as imagens e ter apanhado uma fúria: “Não me metam esta coisa no ar. Isto parece aquilo que antigamente se fazia para a RTP.” Voltaram atrás e fizeram uma grande novela. Onde me sinto melhor é na redacção. Tenho imensas saudades de fazer um programa de informação. [Jornalista] é aquilo que genuinamente sou; nada me daria mais prazer do que despir estas vestes de director-geral e voltar a ser uma pessoa que faz coisas [na informação].

Deve ser tramado uma pessoa descobrir que aquilo em que é muito bom ou se distingue não é aquilo que mais gosta de fazer.

Vai perdoar-me a vaidade, mas acho que sou bom a fazer as duas coisas. Eu não planeei isto. Isto foi acontecendo. Foi acontecendo na RTP, foi acontecendo aqui. As circunstâncias em que vim para a TVI são extremamente curiosas: foi um convite do eng. Belmiro de Azevedo e da Lusomundo. Eles deixaram-me na TVI e saíram dois meses depois. Imagina a orfandade em que fiquei, com gente que mal conhecia.

Significa que não é tão estratégico e pré-determinado? Consigo perceber que um miúdo de 18 anos diga que quer ser jornalista e não diga que quer ser patrão de uma televisão. Mas, a partir do momento em que assume a direcção da RTP, fica claro que nunca será apenas um jornalista.

Fiz sempre um esforço, quando estive na RTP, e consegui, para manter um programa no ar. Fazia um jornal ao sábado.

Porque é que isso era tão importante para si?

Porque sou jornalista. Gosto que as pessoas me percepcionem como jornalista.

Como é que se dá o jornalista com os programas mais emblemáticos destes dez anos, o Big Brother e os Morangos com Açúcar? Por muito orgulho que sinta por ter feito da TVI uma estação de sucesso, isso não fez dela uma

“

Por que é que não quer dar importância [ao afastamento de Manuela Moura Guedes do ecrã]?



Desculpe lá, mas não quero perder tempo com isso

”

estação de referência – como um jornalista que faz jornais diria que aquela estação é uma estação de referência?

Uma coisa é a discussão intelectual, e podemos conduzi-la para onde quiser, outra coisa é quando se lida com a realidade e temos de ver qual é o quadro e como é que vamos agir. Se eu estivesse na RTP, estava a fazer uma estação de televisão diferente da que tenho na TVI. A RTP tem obrigações que uma estação de televisão privada não tem. Mais, a TVI se quer fazer alguma coisa tem de arranjar dinheiro onde ele existe – no mercado. As pessoas que compraram a estação puseram lá o seu dinheiro e precisam de ser ressarcidas disso. Se olhar para a TVI de hoje, verificará que tem uma informação que é ágil; pode ser muito criticada por isto, por aquele ou por aqueloutro, mas deu passos muito grandes relativamente ao que era. Não só é respeitada como é receada. Diria mesmo que, no panorama das televisões, é a única.

Ser temido ou receado é uma coisa, ser respeitado é outra.

Não, não. Só se receia quem se respeita.

No período Casa Pia, por exemplo, foi feito um jornalismo que abraçava uma causa. A TVI era temida, não sei se respeitada.

Não concordo com a sua afirmação. O jornalismo tem uma causa, que é a causa da verdade. Em relação ao dossier Casa Pia, como em relação a qualquer outro, a nossa procura é a da verdade. Eu não tenho nem inimigos nem amigos nestas situações, não tenho preferências nem antipatias. Aquilo que peço aos meus jornalistas é que sejam sérios e trabalhem com o máximo de rigor possível. Admito que, quando se dá uma notícia de uma determinada maneira, as pessoas em casa possam dizer que estão a insistir em fazer isto ou aquilo...

Manipular – é a palavra usada.

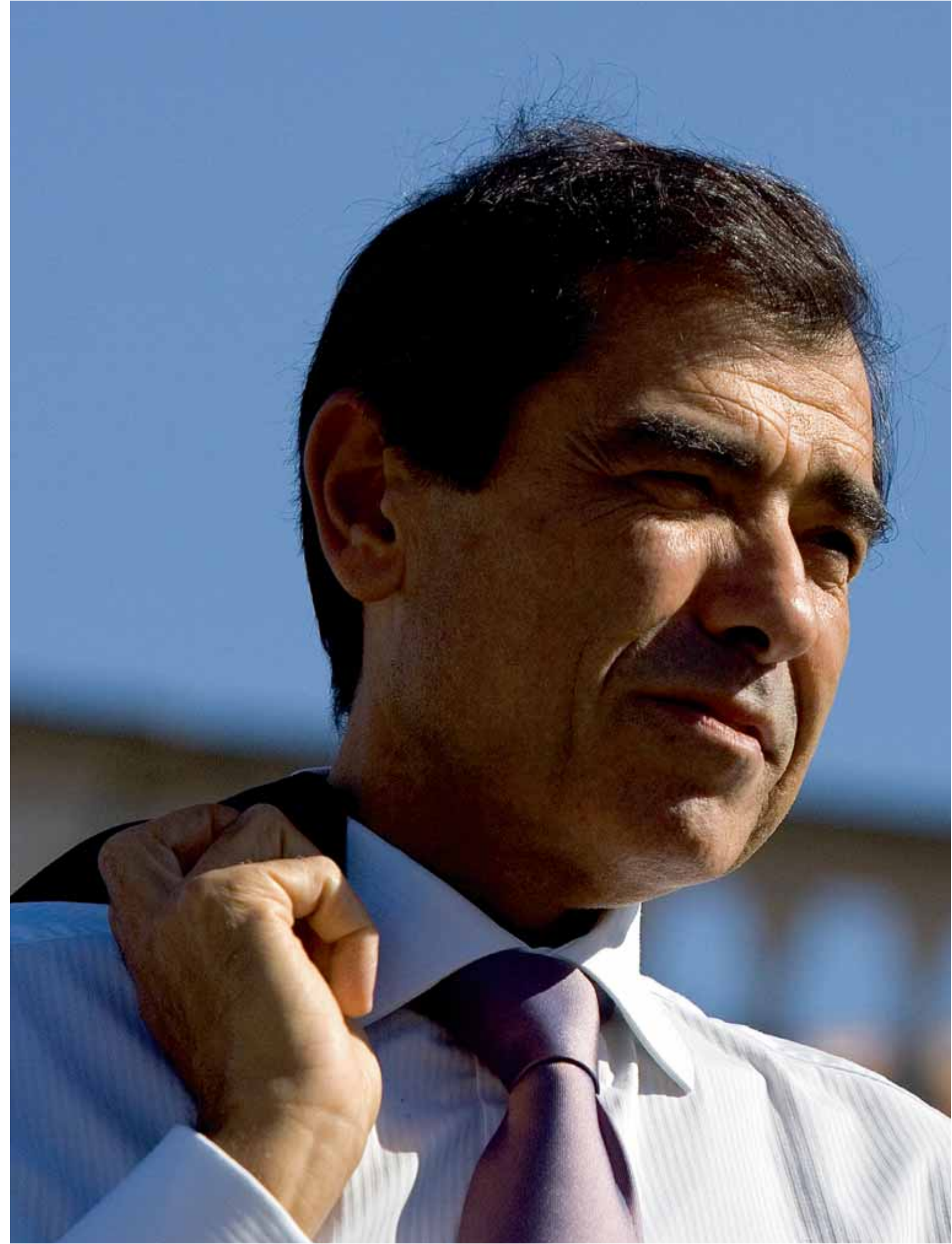
Manipular é coisa que não fazemos.

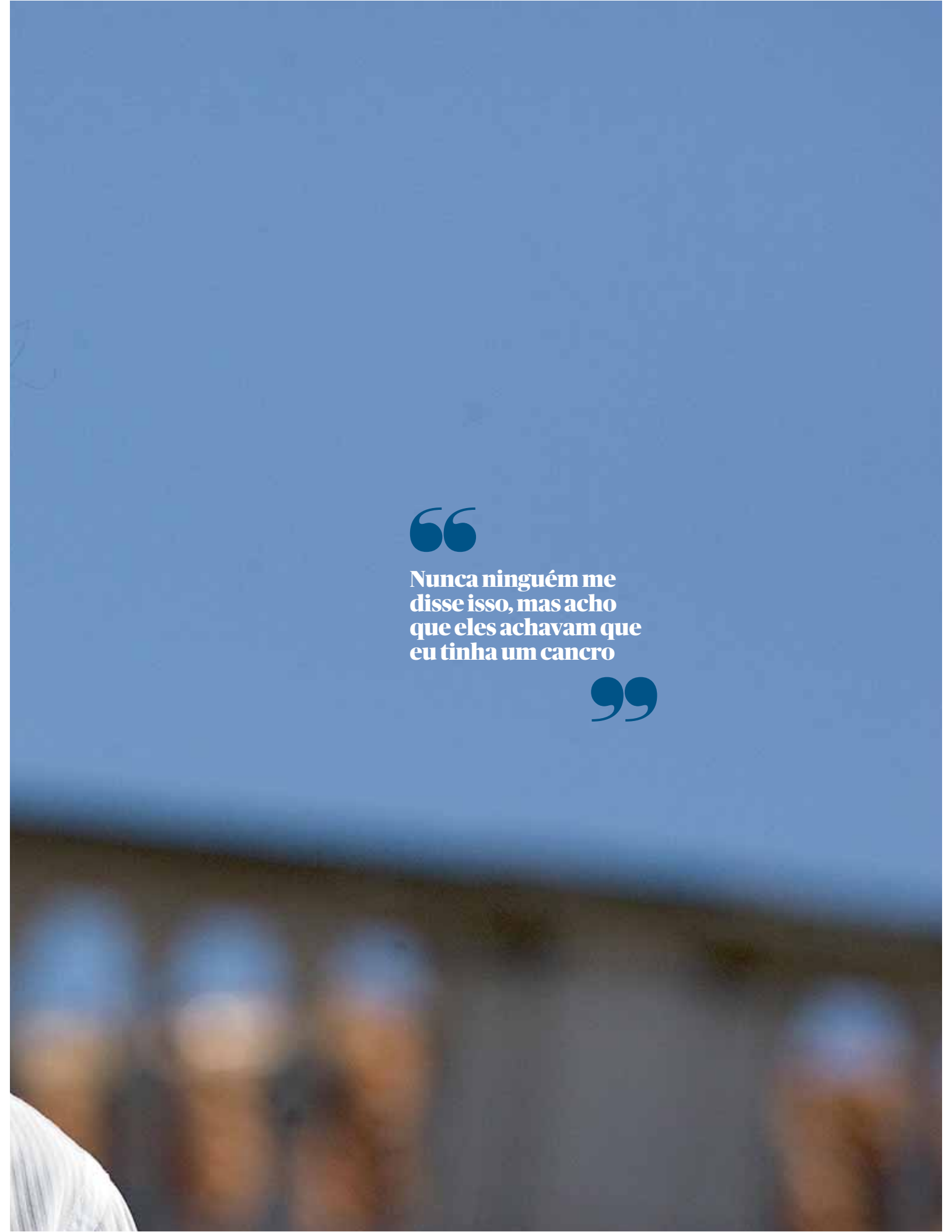
A acusação era essa.

É o mesmo com os comentadores de futebol. O tipo do Benfica acha que o comentador de futebol é um vendido ao Sporting, o do Sporting diz que está vendido ao Benfica. Depende da palavra que usa.

Ou do ângulo.

Ou do ângulo de abordagem que tem. Aqui, se está à procura da verdade, vai, mais do que afrontar pessoas, enfrentar pessoas. Foi o que fizemos. Não procurámos agir como se houvesse um país dos ricos e dos poderosos e um país dos pobres e dos maltratados. O que fizemos foi: vamos tratar todos por igual. Se isto incomoda muita gente, e incomodou, paciência. Para ver o cuidado que pusemos nisto, fomos a primeira estação a ter na redacção apoio jurídico permanente. Temos um advogado disponível para todos os jornalistas e para acompanhar as matérias mais sensíveis. ➔





“

**Nunca ninguém me
disse isso, mas acho
que eles achavam que
eu tinha um cancro**

”

Para dizer: “Vocês não podem fazer isto”...

Ou: “Podem e o risco é este.”

Portanto, nós somos muito conscientes da nossa responsabilidade. Tomara que os outros fossem assim.

Houve acusações do tipo: “A TVI fez a defesa das vítimas e substituiu-se ao juiz, fazendo uma espécie de tribunal popular nos seus jornais.”

Não condenámos ninguém nem julgámos ninguém – isso compete aos tribunais. É normal que estivéssemos mais do lado de quem foi vítima do que do lado de quem não se sabe se é ou não é culpado. Não apontámos o dedo ao A, ao B, ao C, dizendo “é culpado, fez isto, fez aquilo”. Fazíamos questão de difundir antes de cada notícia um texto, sublinhando, precisamente, que todas as pessoas mencionadas como arguidas, ou suspeitas, tinham direito à presunção da inocência.

Sente-se orgulhoso do trabalho jornalístico que foi feito no canal que chefia?

Sinto-me globalmente satisfeito com o esforço que tem sido feito ao longo dos anos no sentido de melhorar a informação na TVI. A TVI não é perfeita, nunca foi perfeita, mas é uma informação que se esforça. Quando relançámos a TVI no ano 2000, utilizámos a expressão: “Quem não tem cão caça com gato.” Eu não tinha dinheiro para contratar jornalistas, não tinha dinheiro para nada. Trabalhámos com muitos estagiários e alguns amigos meus que decidiram arriscar – por serem meus amigos – e saíram dos sítios onde se encontravam para vir ganhar basicamente o mesmo. Em relação a essas pessoas, tenho uma dívida de gratidão que nunca saldarei.

Está a falar do Mário Moura?

Estou a falar do Mário Moura, do António Prata, da própria Manuela, que não precisava nada disto.

Convenhamos que não seria muito fácil para ela estar a trabalhar noutro sítio, concorrendo consigo.

Admito que fosse uma situação complexa. Mas nós nunca deixámos de estar nos sítios certos, e muitas vezes nos sítios menos adequados, manifestar as posições que tínhamos sobre as coisas, e muitas delas discordantes. É evidente que eu sei que a decisão final é sempre minha. Mas isso não significa que as outras pessoas sejam demitidas de pensar ou de expressar os seus pontos de vista. Aprecio muito mais as pessoas que expressam os seus pontos de vista, e que o fazem com veemência, do que aqueles que me passam a vida a dizer que sim.

Dizendo a uma ou outra pessoa que o vinha entrevistar, quase sempre me falavam, a seguir, na sua mulher.

E então?

“

É muito confortável ter sucesso. Mas o sucesso pode ser uma armadilha. As pessoas correm o risco de se deslumbrarem com elas próprias



(Hesitei entre vir com gravata ou vir sem gravata, não sabia que tipo de coisa é que íamos fazer. Ia sair sem gravata, depois voltei atrás)

”

Pensam, por vezes em público, divergentemente, mas socialmente, e são lidos como uma mesma entidade, fusional.

Se calhar porque procuramos a mesma coisa, no que diz respeito à nossa actividade jornalística. Isso não significa nem no meu caso nem no dela que não mantenhamos as nossas identidades. Há questões que nos aproximam muito, há questões que nos separam. Temos feitos diferentes: um é mais expansivo, o outro é menos, um é mais reflexivo, o outro é menos. Mas nem ela com o seu comportamento me inibe de tomar as decisões que eu entenda que devo tomar, nem ela vai mudar de opinião porque eu não concordo ou decidi contrariamente àquilo que era a vontade dela.

Façamos uma pausa no assunto TVI para falar da vossa dinâmica de casal. Essa tensão é uma pedra essencial para entender a vossa relação?

É capaz de ser.

É como se um tentasse sempre vencer o outro num braço-de-ferro. Deixa ver quem manda mais.

Não, isso não. Isso é uma extrapolação que você está a fazer e que acho que não faz sentido nenhum.

Então, como é que é?

Se há coisa que procuramos, é que nunca se sinta aquilo que você expressou. Sabemos onde é que é o limite. A gente percebe o que é que o outro pensa. Não vale a pena esticar a corda quando cada um sabe exactamente o caminho que as coisas devem tomar. Nós temos tanta energia e tanta vontade de fazer coisas, projectar-nos nas coisas, em coisas úteis... Outras coisas só servem para degradar relações. Não estou interessado nisso.

O temperamento dela é parecido com o da sua mãe?

Não. São muito diferentes. Muito diferentes.

As figuras que habitualmente referencia são o seu irmão Milton e o seu pai. É um quadro masculino, insular e reservado; com um grau de aventura, também, que fez os seus pais emigrarem para os Estados Unidos e o seu irmão construir uma carreira de sucesso. Mas é tudo cerebral. Nunca é a coisa expansiva e carnal que a Manuela encarna.

É uma interpretação como outra qualquer. Não sou das pessoas que acham que o sítio onde se nasce não tem influência. Claro que os Açores moldaram o meu carácter. A lógica da reserva, da resistência, a capacidade de imaginar outras coisas e criar outras coisas nasceu lá.

Sonhar com o que está do outro lado?

Com o que está do outro lado.

A sua paixão pelos livros e a decisão de se licenciar em Germânicas têm que ver com isso?

Sim. Era uma sociedade muito fechada. Controlávamos comportamentos, instintos, as nossas vidas todas. Gosto muito dos Açores. Levei lá os meus filhos mais novos pela primeira vez no ano passado.

Pela primeira vez? Como entender isso?

Foi um conjunto de circunstâncias. Mostrei-lhes a minha terra, refizemos os meus percursos...

Passaram muitos anos, o que havia ali para doer já não dói...

Fez-me impressão passar à porta da minha casa. Vivem lá umas pessoas. É óbvio que não bati à porta. Mostrei-lhes o campo de S. Francisco onde eu ia às festas do Santo Cristo e onde passava a maior parte do tempo, porque a escola primária era aí. E era um ponto de encontro. Como aquele local na matriz onde os estudantes de Ponta Delgada se encostavam à parede, porque não havia muita coisa para fazer.

Chorou? É um homem que chora?

Sem problema nenhum. Aliás, o meu filho mais novo ficou muito impressionado quando morreu o meu grande amigo Adriano Cerqueira e me viu completamente desolado. Coincidiu também com a fase em que eu estava mal. Ainda hoje me fala nisso.

É estranho que tão tarde tenha levado os seus filhos ao sítio onde nasceu. Faz-me perguntar pelo desejo de partir e não voltar atrás; pela vida nos Açores, em suma.

Foram as circunstâncias familiares, posteriores à minha vinda para o continente, que não propiciaram isso. Os meus pais saíram, as minhas irmãs saíram, tenho lá umas primas, umas tias. Por outro lado, fomos criando raízes aqui. Nos últimos sete ou oito anos, passámos a ir para o Alentejo.

Quer ser enterrado nos Açores? No Alentejo? Onde é que mais pertence?

Gostaria que lançassem as minhas cinzas no mar dos Açores.

Pensou nisso quando esteve doente?

Não, porque era um pensamento que queria afastar da cabeça. Eu nem sequer podia deixar transparecer que esse pensamento pudesse estar no meio de mim.

A sua família partiu dos Açores e preferiu vir estudar para Lisboa a seguir com eles. A sua biografia normalmente arruma-se em duas linhas. Açoriano, tem um irmão, e raramente se fala das suas irmãs.

Mas gosto muito delas e devo-lhes muito. Fizem tudo para que eu fosse um menino metido dentro de uma redoma. A minha mãe é uma senhora adorável, tem 92 anos e está cheia de vitalidade. Vive nos Estados Unidos e fica feliz cada vez que lá vou com os netos.

O seu irmão, que é 15 anos mais velho e que enriqueceu, era olhado como um exem- ➔

Vantagem Ordenado

ENCOSTE-SE A NÓS

Receba já o seu ordenado no Millennium bcp, triplique o seu valor em crédito para utilizar quando precisar e ganhe um CD de Jorge Palma. Sem perguntas, sempre no seu bolso. Tudo neste cartão.

triplique aqui o seu ordenado

OFERTA!

Millennium bcp

A vida inspira-nos

www.millenniumbcp.pt

707 50 24 24

Vantagem Ordenado: Campanha válida para domicilições de ordenado superiores a 350€; isenção de comissão de manutenção, antecipação de 100% do ordenado (TANB: 16% TAEG 17,97%) com mínimo de pagamento de 0,53€. Emissão gratuita de 10 cheques/mês (exclui-se Imposto do Selo sobre cada cheque no valor de 5 centimos) e transferências em euros, gratuitas e ilimitadas até 50.000€, em Portugal e para países da União Europeia, desde que efectuadas em canais automáticos. Cartão M: Atribuição condicionada à domicilição de ordenado. Limite global de crédito (mín. 1.000€ e máx. 5.000€) igual a 3X o ordenado líquido domiciliado disponível após o crédito do 1º ordenado. Limite de crédito no cartão igual ao valor do ordenado líquido domiciliado, taxa de juro de 16% TANB (17,97% TAEG), 3 meses de carência de capital e juros, para compras efectuadas no 1º mês após a data de abertura da conta cartão (não se aplica a cash-advance nem a compras incluídas no "Crédito Especial"). "Crédito Especial" igual a 2X o ordenado líquido domiciliado, para compras de valor superior a 250€, taxa de juro de 11% TANB (12,06% TAEG) a 13% TANB (14,39% TAEG), pagamento em prestações mensais até 36 meses. Concessão de limite de crédito sujeita a análise de risco pelo Millennium bcp. Não dispensa consulta de informação mais detalhada junto do Millennium bcp. Oferta de CD limitada ao stock existente e válida para Clientes que domiciliem o seu ordenado.

plo de sucesso? Havia alguma competição na vossa procura pelo sucesso?

Não. Sempre gostei de ver o sucesso dele como um incentivo a que eu tentasse não ficar atrás. Não era uma competição.

Não? A palavra “competição” tem uma carga muito negativa. Mas pode ser um incentivo, justamente.

Era..., sei lá, era mais afirmação do que competição. O meu pai gostava que eu tivesse ido para Direito, o meu irmão gostava que eu tivesse sido economista. Não fui para uma coisa nem outra e não fui porque me pressionavam para ir.

E foi para um curso que era, na altura, um curso de meninas.

Eu era o único rapaz numa aula de Liceu em Ponta Delgada, no meio de 30 raparigas.

Por que é que queria ser escritor?

Acho, modestamente, que tenho capacidade para isso.

Escreve?

Não tenho tempo, mas gostaria.

Seriam sobre o quê os seus livros?

Os melhores temas que a humanidade tem são os homens e as mulheres. Não têm de ser as relações amorosas.

Temas como a solidão, o medo, a coragem, a traição, a ambição?

Tudo isso que você lê nos livros do Steinbeck ou do Conrad.

Quando se reformar da televisão, pensa escrever?

Mais do que pensar, desejo fazê-lo. A gente tem sempre medo. Quem está ligado ao audiovisual durante muito tempo, a determinada altura pode começar a ter dúvidas sobre a sua própria capacidade. É evidente que tenho receio de como as pessoas olharão para aquilo, se porventura me aventurar por aí. A forma como vão olhar será certamente muito mais exigente e crítica do que noutras circunstâncias.

Olhou para o *Equador* do Miguel Sousa Tavares como um incentivo? Apesar de terem percursos distintos, ambos são jornalistas a aventurar-se na escrita.

Acho que não escrevo mal as coisas que escrevo. Sou um bom analista das pessoas. E sou um razoável intérprete da realidade. Acho que tenho algumas condições para isso [escrever e publicar]. Tenho a impressão de que há uma gaveta que está fechada e que se pode abrir. Pode existir alguma coisa lá dentro — se é boa ou má, não sei. Estávamos aqui para falar dos dez anos da TVI, não era?

Também. Mas antes de voltar à pasta televisão, quero saber se gostaria de ser recordado como jornalista, ou até como escritor. Ou como o homem que faz uma exemplar gestão

“

[No caso Casa Pia] não condenámos ninguém nem julgámos ninguém — isso compete aos tribunais



É normal que estivéssemos mais do lado de quem foi vitimizado do que do lado de quem não se sabe se é ou não é culpado

”

de novelas e de programas consumidos por pessoas que não aquelas com quem imediatamente vive?

A pergunta, tal como a formula, está a implicar um juízo de valor relativamente aos destinatários do meu trabalho. Os consumidores de novelas, ou seja do que for, têm para mim o mesmo valor e os mesmos méritos do que aqueles que não gostam desse tipo de programas.

Voltemos lá à televisão. Como é que fez da TVI um canal de sucesso?

Em [19]98, quando entrei, sabia que a TVI tinha de crescer. Mas não sabia que caminho ia percorrer. Sabia que tínhamos de adoptar uma postura mais provocadora, até para que os outros nos reconhecessem importância. Sabia que tinha de contar histórias, e tinha de as contar bem contadas. Há dois domínios onde se contam histórias: o da informação e o da ficção. Na informação sabia que ia ser um combate difícil, porque a RTP existia há muitos anos e a SIC tinha conseguido consolidar uma posição. No domínio da ficção também não ia ser fácil, mas tínhamos uma “chance”, porque a ficção estava dominada pelo idioma brasileiro. E, tendo a SIC impedido o acesso ao produto Globo, tínhamos de fazer uma aposta.

E começaram a produzir a vossa ficção.

Juntámos os nossos poucos recursos e conseguimos, com um homem que acabou por ter um papel importante, o António Parente, começar a produzir novelas de forma consistente. Eu olho para si e você não é consumidora de novela tradicional da TVI. Mas eu tenho de ter uma estação que seja capaz de falar consigo e com a minha empregada lá de casa, com o advogado ou com o homem da calçada, sem menosprezo por qualquer uma das pessoas. Procuramos que haja denominadores comuns. Que haja formas de aproximação. Eu não disse que queria fazer uma estação de televisão [para as classes] AB, eu disse que queria fazer uma estação de televisão que acolhesse os AB, mas que não corresse com os outros.

Mas é focada nos CD.

Não, não. A TVI é aquela que mais AB tem. As audiências no Big Brother foram uma surpresa fenomenal: era muito AB. Foi uma das razões para o nosso sucesso.

Não havia na minha pergunta qualquer discriminação. O que me interessa é saber da sua realização íntima. E parecia-me lícito presumir que preferirá ser lembrado como o jornalista ou o escritor e não como o responsável último pelos *Morangos com Açúcar*.

Sabe que não penso nisso? Por quem tenho de ser lembrado é pelos meus filhos. Eles têm de ter orgulho no pai. E têm de poder dizer: o meu pai fez coisas. Não sei como é que gostaria de ser lembrado, para lhe dizer com honestidade.

Como é que acha que os seus filhos olham →

para si? “O meu pai é um homem que faz coisas?”

Acho que acham que é o Senhor TVI, primeiro ponto. E segundo, acham que sim, que é um homem que faz coisas.

O Senhor TVI? É a primeira coisa que os seus filhos pensam do pai?

Não, não é, mas no contexto profissional sim. Espero que olhem para mim como o companheiro que tinham à mão sempre que precisavam, sempre que queriam.

De momento é o Senhor TVI. Mas fala-se muito do seu nome para chefiar o quinto canal a emitir em sinal aberto, em 2009.

Se eu lhe contasse a quantidade de coisas para as quais o meu nome terá sido indigitado...

Diz-se que o projecto do quinto canal foi desenhado por si e que a sua relação de proximidade com o Joaquim Oliveira, o virtual vencedor, pode dar frutos.

Só há um ponto que corresponde à realidade. A minha relação com Joaquim Oliveira não é de proximidade, é de amizade. O Joaquim Oliveira faz parte dos meus bons amigos, daqueles que eu sei que se algum dia precisar de alguma coisa estarão lá. Ele sabe o mesmo. Quanto ao resto, nada tem fundamento. Admito que o meu nome seja falado para o quinto canal porque a vida não correu mal à TVI e o meu preço de mercado poderá ter subido.

É uma questão complexa. A primeira parte está exposta em cima; a segunda diz respeito às suas relações com a Prisa, que consta não serem as melhores, sobretudo depois de a Manuela Moura Guedes ter sido retirada do ar. É um daqueles momentos em que o profissional e o pessoal se imiscuem... Foi um sapo que engoliu mas que não perdoa à Prisa?

Eu vou apenas sorrir em relação à sua afirmação. Não gosto de falar sobre essa matéria e não quero alongar-me sobre ela. A única coisa que tenho de dizer é que a “Manela” está no ar, tem um programa que é uma referência da TVI e que traduz o espírito que quero que a informação tenha – frontal, irreverente, verdadeira. Prefiro responder desta forma do que perder tempo a regressar ao passado.

Por que é que não quer dar tempo, espaço e importância, a uma coisa que aparentemente tem uma grande importância? Não foi uma coisa de somenos o que aconteceu.

Desculpe lá, mas não quero perder tempo com isso.

Outra provocação: diz-se que está milionário. O que é que faz ao dinheiro?

O dinheiro tem na minha vida a importância que tem para a generalidade das pessoas: é para lhes dar conforto. Não quero ser milionário nem multimilionário. Quero viver bem. Quero ter hipótese de viver numa boa casa, viajar, visitar duas ou três vezes por ano a minha mãe

“

Se eu lhe contasse a quantidade de coisas para as quais o meu nome terá sido indigitado...



Admito que o meu nome seja falado para o quinto canal porque a vida não correu mal à TVI e o meu preço de mercado poderá ter subido

”

aos Estados Unidos..., enfim, as coisas normais que as pessoas fazem.

A sua ambição não é focada no dinheiro. Mas é claramente ambicioso. Não estaria onde está se não o fosse.

Eu acho que não. Se imaginasse a forma como encaro a precariedade disto, não faria esse tipo de juízos. O poder é uma coisa extremamente transitória. Ser director da TVI é uma função transitória. Aquilo que eu sou é jornalista. Tenho algum poder, no sentido em que posso determinar coisas que metemos no ar. Mas limita-se a isso. Da mesma maneira que o tenho hoje, amanhã posso deixar de ter. E convivo perfeitamente com isso.

Pensa muitas vezes no Emídio Rangel?

Não.

Houve um momento em que competiam, eram os patrões da televisão em Portugal. Rangel está no defeso há uns anos. Acha que isto também lhe pode acontecer.

Claro que me pode acontecer. Já aconteceu. Fui várias vezes para a prateleira na RTP – consoante mudavam os governos, ia para a prateleira. A piada era que os mesmos governos que me tinham posto da prateleira, passado dois meses, ou três, ou quatro ou cinco, me vinham convidar para voltar. Não tenho dúvidas sobre a transitoriedade das coisas. Se do meu trabalho os resultados visíveis tivessem sido outros, não estava nas funções em que me encontro hoje. Se calhar a pergunta que me estava a colocar seria esta: como é que agora lida com o facto de ter deixado de ter poder.

E nessa altura estaria ainda mais sozinho? Dava, na primeira parte da conversa, a ideia de um general sozinho – que não pode passar aos que o rodeiam qualquer vulnerabilidade. Olha para si como um homem só?

Sinceramente não sei que resposta dar. Como todas as pessoas, preciso de ter gente com quem desabafar, gente com quem partilhar. Fico extremamente desiludido quando a confiança que deposito em alguém, mais no pessoal do que no profissional, obviamente, não é correspondida.

Precisa de descansar da responsabilidade de ser um líder? Precisa de sentir-se “one of them”?

Tomara eu. Tomara eu que a empresa vá funcionando cada vez com mais rotinas.

Mas a empresa funciona à espera da sua decisão – até em coisas miúdas. Um exemplo: a sua secretária não quis marcar a hora da entrevista, mesmo depois de ter dado o seu assentimento, porque estava fora.

Sobre a minha vida, apesar de tudo, tenho de decidir.

Decide sozinho e é o homem que manda.

De que a decisão é um acto solitário tenho bem a noção. Não há volta a dar-lhe. ●

Entrevista José Eduardo Moniz no Diga Lá, Excelência do PÚBLICO/RR/RTP2

“Há uma grande cultura de subserviência face a quem está no poder”

Não se candidata à presidência do Benfica e não quer deixar a “sua” TVI, que defende em nome da independência do jornalismo

José Manuel Fernandes e Raquel Abecassis (Rádio Renascença)

● Foi durante muitos anos o “senhor RTP”, mas nunca tinha entrado nos novos estúdios da Marechal Carmona. Lá dentro, ainda há quem o trate por director, mas não se demorou. A ida ao programa (gravado ontem de manhã) obrigara-o a precipitar a sua decisão sobre se concorreria ou não ao Benfica. Não concorre e, por isso, havia tomado o pequeno-almoço num café de Lisboa para explicar a alguns dos seus apolantes, que se sentiam imensamente desiludidos. “Só mesmo vocês é que me levavam a pôr gravata a uma sexta-feira”, comentou. Uma gravata azul-claro, ao contrário da vermelha que tivera de arranjar, à pressa, na véspera, para falar aos benfiquistas. Como é que iria gerir uma eventual candidatura ao Benfica que não saísse vencedora na sua relação com a TVI?

Para já, não concorreria se não fosse para ganhar (risos). Tive a preocupação de falar com os meus administradores e eles compreenderam que, se sentia entusiasmo para fazer uma coisa nova, deviam criar condições para tal. Tentando, ao mesmo tempo, continuar a dar apoio à TVI de um ponto de vista de aconselhamento. Não foi impunemente que entrei naquela casa há onze anos, então empresa que estava nas lonas, que tinha 200 e tal funcionários e que hoje tem quase 500, com o lançamento da TVI 24. As pessoas conhecem-me mal, mas sinto-me responsável por aqueles que contratei, sou um sentimentalão levado ao extremo. Teria muita dificuldade em desligar-me porque entendo que as pessoas não são descartáveis e as instituições também não. E se as mobilizamos para um projecto, se elas acreditam em nós, não as podemos trair. Ao pensar se ia para o Benfica pesaram as especulações sobre uma possível mudança da estrutura accionista da TVI? Não. Fui convidado para ir para a

TVI em Setembro de 1998 por um grupo, passados dois meses, esse grupo não estava lá. Os accionistas mudaram radicalmente. E, passado algum tempo, houve nova mudança accionista. Isso não me impediu de ir ficando. A partir do momento que sinto que o projecto pode funcionar, não é uma mudança de accionistas que faz mudar tudo. Tem é de haver uma relação de confiança entre esse accionista e o director-geral.

Mesmo quando põe um processo ao primeiro-ministro?

O que aconteceu no congresso do PS não me surpreendeu, pois estou habituado a lidar com esse tipo de problemas. A TVI teve de encontrar um caminho diferente do da RTP e da SIC, e por isso apostámos numa grande independência, com grande distanciamento em relação a qualquer Governo. Tivemos, de resto, problemas com todos. Com o de Guterres, com o de Santana, agora com este. Com este, admito que os problemas têm uma dimensão porventura maior, que terá a ver com a idiossincrasia do próprio Governo. Mas não mudaremos de rumo: sou jornalista há muitos anos e prometi a mim próprio que algumas das situações que vivi na RTP não voltaria a enfrentar.

Como ser o ministro Marques Mendes a fazer o alinhamento do telejornal, como se diz por aí?

São coisas de gente mal intencionada e que não me conhece minimamente. Quem me conhece, sabe que tenho um muito mau feitio em relação a certas coisas e sou muito determinado. Quando tenho convicções, levo-as para a frente. Não admitiria em nenhuma circunstância que alguém - primeiro-ministro, secretário-geral de um partido, fosse quem fosse - me impusesse um modelo, uma orientação, uma notícia. Nunca aconteceria, nem aconteceria. A diferença é que, estando na RTP, tinha a preocupação de fazer o menos ruído possível. Mais: a RTP, a partir dos anos 90, fez mudanças radicais na informação, seguindo



“
Uma estação de televisão, privada ou não, tem de ser, ela própria, geradora de controvérsia, até porque os portugueses têm medo de expressar as suas opiniões.

”

um caminho muito distinto daquele que existia no passado. Foi um trabalho que levou tempo, implicou mudanças substanciais na redacção, mas foi um trabalho de formiguinha que eu fiz. A redacção que deixei na RTP impediria ela própria voltar ao que era o velho funcionamento da RTP.

Vedou-a às pressões externas, é isso?

Exactamente.

E continua vedado?

Não poderei afirmar isso e não quero ser deselegante.

Era a essas pressões que se referia quando jurou que nunca mais se sujeitaria a certas situações?

Obviamente que sim, e não vou dizer que era de uma pessoa em particular ou do partido A e B.

Toda a gente se achava no direito de entrar pela RTP dentro e dizer que se tinha de fazer isto ou aquilo. Um dos primeiros telefonemas que recebi, ainda estava no Lumiar, foi do secretário-geral de um partido, recém-eleito, a dizer: “Vou fazer isto e quero cá uma equipa”.

Eu respondi: “Você manda no seu partido, aqui mando eu”. Começámos mal e até hoje temos uma péssima relação. Há princípios no jornalismo que vale a pena defender.

Sente-se um agente político perante o conjunto de críticas que fazem à TVI, a si e ao telejornal que é apresentado pela sua mulher?

Sou um jornalista, na TVI somos jornalistas e respeitamos a nossa profissão e gostamos dela. O que dou como orientação é que se faça um trabalho sério, tão rigoroso quanto possível e que não se tenha medo nas investigações. E que podem contar com o director e o

seu apoio.

A sua redacção tem um prazer especial em perseguir o Governo PS?

Claro que não. Se tivéssemos problemas com todos os governos, isso é sinal da nossa independência.

Não aceita as críticas ao Jornal de Sexta-feira por misturar o jornalismo informativo e a opinião, com os apertes de Manuela Moura Guedes?

O Jornal de Sexta-feira é diferente porque quis fazer uma espécie de semanário em antena. Nessa lógica de semanário, teria de ser diferente dos outros jornais. Ter notícias, investigação, opinião. O que acho curioso é que tenha havido uma certa cadência de acontecimentos: críticas do PS, decisão da ERC, comentários nos jornais, posição do Conselho Deontológico do sindicato... Vamos acreditar que foi coincidência, é mais fácil. Mas lá que há uma grande cultura de subserviência relativamente a quem está no poder, isso há. Há jornalistas ao serviço do Governo, jornalistas que são corria de transmissão daquilo que o Governo pensa?

Tenho de escolher as palavras, se não tenho problemas. Diria que há jornalistas que não sabem distanciar-se, e talvez assim não esteja a ferir os sentimentos de ninguém. Ora, esse distanciamento é imprescindível. Por isso, só admito que as pessoas digam que cometemos erros, pois erros todos cometem.

Por que é que decidiu processar José Sócrates?

Porque, na entrevista que deu à RTP, fez afirmações que punham em causa a honra dos jornalistas da TVI, o seu profissionalismo e a

RUI GAUDÊNCIO

Audiências da TVI

O segredo da aposta nas novelas portuguesas

Lembro-me de ainda estar aqui na RTP, quando a SIC começava a subir por beneficiar das novelas brasileiras...

Quando saí da RTP, esta ainda era líder e tínhamos feito um acordo em que ficávamos com 50 por cento das novelas da Globo.

Mesmo assim, houve uma altura em que me disse que o futuro estava nas novelas portuguesas. Ora, quando foi para a TVI, essa foi uma das suas apostas e hoje são uma das âncoras da estação, até mais do que aqueles programas controversos...

Sim, é verdade. O que me dá uma enorme satisfação **Na RTP, tentou fazer e fez telenovelas portuguesas. Na TVI também as fez. Na RTP não resultaram, na TVI parecem resultar. Porquê?**

Não é verdade. As que foram feitas na RTP resultaram. O que não foi feito, pelo menos ao mesmo tempo, foi a experiência de as colocar em *prime time*. Estava a pô-las em *access prime time* para começar a familiarizar os portugueses com o produto. É assim que as coisas se constroem, paulatinamente. Quando as pessoas se dão conta das mudanças, elas já aconteceram. Recordo-me que uma dessas novelas, *As Cinzas*, fazia 40 por cento de *share* no horário. Era uma progressão normal. A RTP poderia vir a atingir os mesmos resultados que tinha com as novelas da Globo se tivesse mantido a coerência do produto.

Foi também o princípio de um caminho...

Não me fica muito bem fazer comparações, mas entendo é que os projectos, para serem bem-sucedidos, têm de ser coerentes e é necessário perceber que é preciso tempo. Que é preciso ter tenacidade.

Quando uma telenovela está a ser produzida, é verdade que, quando vê que uma coisa pode não estar a correr muito bem, chega lá e intervém: põe um actor, tira um actor...

Vou explicar como funciona. Primeiro, gosto muito de participar no processo criativo, original, das novelas. Depois, é minha obrigação de acompanhar, pelo menos, a escrita dos primeiros dez ou quinze episódios. Isso gosto de fazer: discutir, reler, mandar para trás... Houve uma novela em que o primeiro episódio foi reescrito sete vezes. Depois há uma equipa, que não sou só eu, que vai observando como as coisas funcionam e uma muito boa ligação com a produtora Plural. Há um diálogo intenso, que permite monitorizar, actuar e decidir quantos episódios a novela vai ter.

Renúncia ao Benfica por nem conseguir conhecer a situação financeira Provavelmente Rui Costa foi utilizado e lançado às feras antes do tempo

● **Porque decidiu não avançar com a candidatura a presidente do Benfica?**

Sobretudo por uma questão de tempo. O Benfica é um desafio interessantíssimo e tem um potencial extraordinário. O problema é que, para não se ser igual a outros que por lá já andaram, é preciso pensar no projecto e, sobretudo, escolher uma equipa com um espírito novo. Havia gente empenhada e com esse espírito novo, mas não havia tempo para construir de raiz um projecto para que o Benfica deixasse de passar pelas amarguras a que temos assistido. O Benfica passou da grandeza à banalidade mais absoluta, é uma tristeza ver a equipa arrastar-se nos estádios de Portugal e da Europa sem se dar ao respeito. Hoje desculpam-se com os árbitros, mas eu sou do tempo em que o Benfica ganhava contra os árbitros.

Quando fala de equipa, fala da direcção ou das opções tomadas

para a próxima época?

Das duas coisas. Primeiro caras novas e um projecto novo em que as pessoas acreditem. Depois, logicamente, uma equipa construída de acordo com esse projecto. Se ganhasse as eleições, chegava lá e encontrava um projecto que não era o meu. **Isso aconteceria também em Setembro.**

Mas pelo menos havia tempo para pensar em como dar a volta. Ora quem está à frente do Benfica tratou de assegurar que não era possível surgir uma alternativa pois nem haveria tempo para se perceber qual a real situação financeira do clube. **Não conhecer a situação financeira foi mais importante do que estar preso a um treinador e a uma ou duas contratações de jogadores?**

Está tudo interligado. Embora a situação financeira seja muito relevante, vão ser os jogadores que vão estar em campo a devolver ou

não a grandeza ao Benfica.

E Rui Costa?

Rui Costa é um grande activo, faz parte do património.

O Eusébio também, mas não é director desportivo.

Não tive tempo para reflectir sobre essa matéria. O Rui Costa tem muitos talentos e o Benfica deve-lhe bastante. Onde estiver ou noutro lugar terá valor, mas provavelmente foi utilizado e lançado às feras antes do tempo. Para além de que há outras pessoas muito bem apetrechadas para desempenhar aquele papel.

Não avançou agora mas fica a preparar uma candidatura para mais tarde?

Gosto de desafios, de projectos, de construir coisas. Não actuo por ser preciso fazer alguma coisa contra alguém. Isso não me mobiliza. Não fico pois a preparar uma candidatura, mas estou aqui. Se tiver condições e se for preciso, sabe-se lá... Não troco é a minha vida profissional por uma aventura.

PUBLICIDADE

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CURSOS DE 2.º CICLO [MESTRADOS] • Alimentação - Fontes, Cultura e Sociedade • Estudos Clássicos - Cultura Clássica • Estudos Feministas • História Contemporânea e Estudos Internacionais Comparativos • Poesia e Poética • Português como Língua Estrangeira e Língua Segunda • Tradução • Arqueologia e Território • Comunicação e Jornalismo • Ensino de Filosofia no Ensino Secundário • Ensino de História e de Geografia no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário • Ensino de Inglês e de Espanhol / Alemão / Francês no Ensino Básico e no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário • Ensino de Português e de Línguas Clássicas no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Secundário ou de Português no 3.º ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário e de Espanhol / Alemão / Francês nos Ensinos Básico e Secundário • Estudos Anglo-Americanos • Estudos Artísticos • Estudos Clássicos - Língua, Cultura e Literatura • Estudos Europeus • Estudos Literários e Culturais • Filosofia • Geografia Física, Ambiente e Ordenamento do Território • Geografia Humana, Ordenamento do Território e Desenvolvimento • História da Arte, Património e Turismo Cultural • História da Idade Média - Espaços, Poderes, Quotidianos • História das Ideologias e das Utopias Contemporâneas • História Moderna: Poderes, Ideias e Instituições • História, Especialização em História Contemporânea: Economia, Sociedade e Relações Internacionais • Informação, Comunicação e Novos Media • Lazer, Património e Desenvolvimento • Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino *

* Cursos de fileira

CURSOS DE 3.º CICLO [DOUTORAMENTOS] • Estudos Clássicos - Mundo Antigo • Poética e Hermenêutica • Literatura de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino • Estudos Feministas • Altos Estudos Contemporâneos (História Contemporânea e Estudos Internacionais Comparativos) • Identidades, Práticas e Representações no Mundo Contemporâneo • Geografia • Estudos de Tradução • Turismo, Lazer e Cultura

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO • Imprensa Regional • **CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO** • Ciências Documentais • Estudos Neerlandeses

CALENDÁRIO DE CANDIDATURAS:

2.º ciclo (Mestrados), 3.º ciclo (Doutoramentos), Curso de Especialização em Estudos Neerlandeses e Curso de Pós-Graduação em Imprensa Regional
Candidaturas: 1.ª fase: 1 de Junho a 24 de Julho • 2.ª fase: 14 a 18 de Setembro

Curso de Especialização em Ciências Documentais
Candidaturas: 1.ª fase: 25 de Junho a 15 de Julho • 2.ª fase: 7 a 11 de Setembro

www.uc.pt/fluc

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, SEMPRE O SEU TEMPO



Ver mais em www.publico.pt